

# Há aderência entre a Socioeconomia e a abordagem kirzneriana da Escola Austríaca?

Lucas Casonato<sup>1</sup>

Maríndia Brites<sup>2</sup>

---

**Resumo:** A Socioeconomia, abordagem econômica baseada em princípios da Sociologia, apresenta-se como alternativa à Economia Neoclássica. Rejeitando os extremos entre individualismo e holismo metodológico, inicia a análise da tomada de decisão a partir das identidades sociais em que os agentes estão embebidos. A Economia Austríaca, e dentro dela sua corrente kirzneriana, também propõe uma alternativa à Economia Neoclássica. Pautada no individualismo metodológico, analisa as condições subjetivas no processo decisório. Este trabalho investiga, na História do Pensamento Econômico, se há aderência entre essas propostas teóricas para a tomada de decisão, Socioeconomia e abordagem kirzneriana, conquanto suas diferenças de metodologia e de conceituação de mercado. A conclusão é dividida em três pontos: (i) existe aderência por críticas e sugestões compartilhadas entre as abordagens; (ii) a incorporação das ideias de Kirzner na Socioeconomia depende de fatores metodológicos (iii) a incorporação da Socioeconomia na abordagem kirzneriana é possível pelo subjetivismo dessa última.

**Palavras-chave:** Socioeconomia. Economia Austríaca. Israel Kirzner. Abordagem kirzneriana.

**Abstract:** Social Economics, economics approach based in Sociology principles, presents itself as an alternative to the Neoclassical Economics. Rejecting the extremes between individualism and methodological holism, Social Economics begins the analysis of decision making from the social identities in which agents are embedded. The Austrian Economics, and within it its Kirznerian strand, also proposes an alternative to the Neoclassical Economics. Based on methodological individualism, Austrian School analyzes the subjective conditions in the decision process. This work investigates, in the History of Economic Thought, whether there is adherence between these theoretical proposals for decision making, Social Economics and Kirzner's approach, although there are differences in methodology and market conceptualization between them. The conclusion is divided in three points: (i) there is adherence to criticisms and shared suggestions among the approaches; (ii) the acceptance of Kirzner's ideas into Social Economics depends

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná (PPGDE/UFPR). Professor de Economia da Faculdade de Educação Superior do Paraná (FESPPR). E-mail: casonato.economia@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná (PPGDE/UFPR). Professora de Economia da Faculdade de Educação Superior do Paraná (FESPPR). E-mail: marii.brites@gmail.com.

on methodological factors; (iii) the acceptance of Social Economics into the Kirznerian approach is possible through the subjectivism of the latter.

**Keywords:** Social Economics. Austrian economics. Israel Kirzner. Kirznerian approach.

**JEL Code:** B00, B55, B53

---

## 1. Introdução

A Socioeconomia difere da Escola Neoclássica (EN), constituindo campo de pesquisa em economia que considera princípios da Sociologia. A primeira abordagem analisa os indivíduos em relações sociais mantidas com seus pares, enquanto a segunda considera que a interação entre eles se dá apenas nas relações de mercado. Dessa forma, a Socioeconomia apresenta-se como uma proposta alternativa de estudo dos fenômenos, a partir do contexto em que indivíduos socialmente embebidos tomam suas decisões (DAVIS, 2008).

A Escola Austríaca (EA) também se distancia da EN. A EA enfatiza o entendimento do processo de mercado a partir do contexto subjetivo em que são tomadas as decisões propositadas dos indivíduos (HAYEK, 1948; MISES, 1998[1949]). Já a EN volta sua análise para os estados de equilíbrio imaginados a partir do cálculo racional dos agentes (BOETTKE, 1996). Angeli (2018) também diferencia a EA da EN, por meio da associação entre EN e ortodoxia utilizada pelo autor, seguindo Dequech [2007], concluindo que a EA não é ortodoxa. A abordagem kirzneriana, constituindo-se como um ramo mais específico dentro da EA, mantém essas diferenças com relação à EN (KIRZNER, 2015c [1967]; 2013 [1973]; 1997).

Conciliar a ênfase no contexto decisório com as relações sociais em que os agentes estão inseridos faz com que a Socioeconomia desconsidere o individualismo e o holismo metodológico como base para investigação dos fenômenos econômicos. Já o entendimento do mercado a partir da realidade subjetiva na ação propositada faz com que a EA se baseie no individualismo metodológico estrito. Portanto, ambas as abordagens, Socioeconomia e EA, diferenciam-se em termos de metodologia, embora compartilhem uma preocupação comum, o processo decisório. Naturalmente, isso leva a conclusão inicial de que essas abordagens sejam incompatíveis entre si, e é isso o que se pretende investigar, respondendo a pergunta que dá título ao artigo: há aderência entre a Socioeconomia e a abordagem kirzneriana da EA?

Alguns trabalhos discutem a possibilidade de aproximar a Socioeconomia da EA. Ekelund e Thornton (1986) argumentam que na teoria de Friedrich von Wieser, um dos precursores da EA, há uma ponte entre ideias dessas abordagens. Porém, tal associação não ocorre por meio dos elementos da contribuição kirzneriana acerca do processo de mercado, como proposto neste artigo. Isso pode ser explicado, de acordo com o próprio Kirzner (2018 [1985]), porque entre 1870 e 1930 havia poucas características que distinguissem a EA das demais correntes econômicas na época. Tais diferenças só seriam consolidadas a partir do debate do cálculo econômico, quando do entendimento de Mises e Hayek do mercado como um processo.

Angeli (2017) oferece uma aproximação entre o pensamento econômico de Hayek e algumas ideias existentes na Nova Sociologia Econômica. Já Langrill e Storr (2015) mostram a existência de origens teóricas e agendas de pesquisa comuns entre o movimento Austríaco e a Nova Sociologia Econômica, bem como apontam questões em aberto na relação entre as duas abordagens.

Lewis e Chamlee-Wright (2008) apontam para as afinidades existentes entre a teoria Austríaca e a Nova Sociologia Econômica em relação ao processo de mercado. O artigo de Liljenberg (2004) também reconhece a base “sócio-austríaca” do mercado, aproximando o raciocínio Austríaco das ideias da Sociologia Econômica. Porém, nenhum desses autores tem como foco específico a contribuição kirzneriana. Boettke (1998), por outro lado, ao apontar a importância dos fatores sociológicos nas contribuições teóricas de Mises e Hayek, cita diretamente Kirzner para afirmar que o autor não buscou proximidade com tais elementos em suas obras.

Além dessa literatura, a motivação da pergunta que norteia o artigo tem origem no trabalho de Hodgson (2008), um capítulo intitulado “*Markets*” no “*The Elgar Companion to Social Economics*”. Nesse capítulo, o autor cita diretamente a EA e seus principais expoentes no século XX, Mises e Hayek, apontando falhas em seus entendimentos sobre o mercado.

Acerca de Mises, que aparece logo no início da discussão do tema “mercados” no texto de Hodgson, é enfatizada sua proposta da propriedade privada como promotora da civilização. Como Mises teria associado essas duas questões, seu equívoco residiria na minimização dos aspectos legais que permitem as trocas, não apontando a origem desse direito. Assim, Mises teria ignorado a estrutura institucional que legitima a propriedade e os mercados (HODGSON, 2008, p. 255).

Sobre Hayek, que aparece no parágrafo que antecede a conclusão de Hodgson, foca-se no reconhecimento dos sistemas econômicos complexos como ambientes de intrínseca limitação informacional. Disso se seguem um elogio e uma crítica. Há o mérito de apontar o mercado como um difusor eficiente das informações. Porém, nesse apontamento reside uma falha ao ignorar os diferentes tipos de mercado (HODGSON, 2008, p. 262).

Responder a pergunta que intitula o trabalho interessa porque, de acordo com Koppl (2006), há uma oportunidade vantajosa para a EA no intercâmbio de ideias com outras escolas econômicas que compartilhem elementos em comum. E a escolha da abordagem kirzneriana para comparação com a Socioeconomia segue quatro ideias na literatura sobre Israel Kirzner após o ressurgimento da EA na década de 1970.

Tais ideias sobre Kirzner são: (1) ele é apontado como um dos expoentes do movimento de recuperação das ideias da EA, dando origem ao que se convencionou denominar de Escola Austríaca Moderna (VAUGHN, 1994; BARBIERI, 2001); (2) ele é considerado como o principal proponente da conjugação das posições teóricas de Mises e Hayek após esse movimento (ROBINSON, 1997; HORWITZ, 2010; BOETTKE; SAUTET, 2013); (3) suas proposições são interpretadas como uma tentativa de aproximação entre a EA e a EN (VAUGHN, 1992;1994), constituindo uma dificuldade adicional em separá-las antes de tomar a abordagem austríaca como crítica à EN; (4) a ideia de que Kirzner não explicitou em seus trabalhos a relação entre sua abordagem Austríaca e elementos da sociologia (BOETTKE, 1998).

Além desta introdução, o trabalho está dividido da seguinte maneira: a segunda seção faz uma revisão sobre a Socioeconomia, enfatizando as questões de embebedimento, identidades e mercado. A terceira seção apresenta a teoria Austríaca de maneira geral e identifica a especificidade da abordagem kirzneriana nessa escola de pensamento. A quarta seção busca responder a pergunta que motiva o artigo, enquanto a quinta seção traz as conclusões.

## 2. Socioeconomia, Embebedimento e Identidades

A Socioeconomia apresenta-se como uma abordagem alternativa à EN.<sup>3</sup> Essas propostas diferenciam-se em termos de objeto de estudo e metodologia.

---

3 Davis (2008) diferencia a Socioeconomia da “Economia *Mainstream*”. Como o objetivo deste artigo é dar ênfase na diferença das abordagens Socioeconômica e Austríaca com relação à EN, que faz parte do

Conquanto as ideias da teoria Neoclássica sejam de ampla disseminação entre os economistas, para Granovetter (1985, p. 482), as ideias de embebedimento e influência contextual nas decisões individuais demoraram a ter destaque na economia, porque, segundo o autor, tais temas podem ser encontrados ainda em Adam Smith [1776], mas só estariam sendo recuperados a partir da abordagem da Nova Economia Institucional.

Segundo Hellmich (2015, p. 3), o renascimento da Socioeconomia ocorreu na década de 1970, com a intenção de substituir o domínio neoclássico na economia e criticar a influência das implicações normativas dos pressupostos da escolha racional. Pode-se dizer que na Socioeconomia o elemento central e singular da abordagem é a definição de pressupostos mais realistas em relação à ação humana, bem como a consideração de outras esferas da vida social na análise, tais como cultura e relações sociais, variáveis que também têm relevância para a explicação dos fenômenos econômicos.

De acordo com Davis (2008, p. 92), a principal diferença entre a Socioeconomia e a EN é a substituição do agente atomizado pelo indivíduo socialmente embebido. A primeira abordagem considera como determinante os fatores externos, dados socialmente, porque percebe a convivência social como intrínseca aos indivíduos sem desconsiderar o poder de agência do indivíduo. A segunda abordagem adota apenas os fatores internos, dados pelas preferências individuais assumidas como dadas, por considerar apenas o mercado como lugar de interação social entre os agentes.<sup>4</sup> Para Davis (2003; 2009), a agência individual é o poder de agir e de escolher do indivíduo, que requer consciência bem como influências sociais. Esse poder de agência é capaz de mudar a estrutura social, assim como a própria agência é constituída por essa estrutura. Então, há uma influência mútua entre o poder deliberativo do agente e as condições que o cercam. Enquanto a EN elimina as relações sociais nas análises de mercado, a Socioeconomia atua em sentido diametralmente oposto. Para Granovetter (1985, p. 483-484), a EN faz tal eliminação para atender aos modelos de competição, que requerem a atomização social do indivíduo como pré-requisito. Para Davis (2008,

---

*mainstream*, será utilizada essa escola como referência, alterando-se então o termo originalmente usado por Davis, considerando a EN como objeto mais restrito para o qual as críticas do autor são dirigidas.

<sup>4</sup> Essa percepção é compartilhada por Kirzner. Sobre o subjetivismo “estático” que explica isso na EN, ver Kirzner (2015b [1986]; 2015e [1995]), bem como uma breve diferenciação com relação ao “dinâmico” na subseção 3.1.1.

p. 93), a Socioeconomia atua no sentido contrário para enfatizar as relações sociais na tomada de decisão.

A busca pela melhor compreensão do comportamento individual em um contexto específico não faz com que a Socioeconomia se baseie no individualismo metodológico estrito. Ao enfatizar o embebimento dos agentes em relações sociais, a dimensão de análise compreenderá a estrutura em que eles estão inseridos, considerando-a como um dos determinantes do seu comportamento. Logo, a Socioeconomia ignora a distinção dicotômica entre as metodologias individualista e holística. Daí é possível interpretar que o objeto de análise da Socioeconomia não é apenas o indivíduo, mas a relação que ele mantém com um ou mais grupos sociais. Para Davis (2008, p. 94), é necessário considerar a influência bidirecional exercida entre agente e estrutura, avançando com relação à dicotomia mencionada.

[...] that individuals engage in self-referent behavior, a form of social behavior, and that this gives us sufficient reason to think that individuals have the ability to influence social structure. The key to this argument is that, when individuals are influenced by social structure, their self-examination and self-evaluation lead to behavior that cannot be reduced in explanation to the social influences upon them. Thus, action that follows reflexive behavior constitutes an independent source of activity in the structure-agent framework (DAVIS, 2003, p. 128).

A consideração da influência bidirecional é realizada por Granovetter (1985), enfatizando a necessidade de fugir à polarização entre tais extremos, a exclusão das relações sociais no entendimento das transações econômicas ou considerá-las impassíveis de serem tratadas separadamente. Essas duas possibilidades, que o autor chama, respectivamente, de “indivíduo não socializado” e “indivíduo sobresocializado”, são problemáticas para o autor porque ambas consideram um conceito de ação e decisão realizados de maneira isolada pelos indivíduos. Esse isolamento decorre de essas abordagens considerarem que os comportamentos já estejam internalizados nos indivíduos, independente da origem deles. Na versão não socializada isso seria um resultado do utilitarismo – que servirá de base para a fundamentação do indivíduo na EN –, e na versão sobresocializada pelo fato do comportamento já estar internalizado nas relações sociais (GRANOVETTER, 1985, p. 485).

Partindo dessa problemática, Granovetter (1985, p. 482-483) sugere uma análise do comportamento individual pautada em um meio termo entre esses limites, o que perpassa a consideração do indivíduo embebido. Essa opção concilia a influência das relações sociais que atuam sobre o agente, mas mantém seu poder

deliberativo na tomada de decisão. Fica possível, dessa forma, que os resultados das ações individuais pareçam, à observação externa, contraintuitivos com relação ao que se esperaria considerando estritamente o ambiente social.

Assim, a ideia de um indivíduo que seja socialmente embebido busca representar um agente econômico que tem seu comportamento influenciado pelas relações sociais em que ele está inserido. De acordo com Granovetter (1985, p. 490), o indivíduo é embebido em relações pessoais baseadas na confiança, que são prévias à formação da estrutura social. O autor destaca (1985, p. 493) que essa confiança possibilita a manutenção da ordem social, garantindo um padrão no comportamento dos agentes. Logo, a abordagem do embebedimento adotada pelo autor, aplicada à questão da confiança, configura um meio caminho entre as versões não socializada ou sobresocializada acerca dos indivíduos.

Callon (1998) segue a mesma proposta de considerar a confiança como fator mantenedor das relações sociais entre os indivíduos. O autor observa (1998, p. 38) que o mercado, enquanto lugar de interação humana, não prescinde de relações de confiança para o seu funcionamento. Na perspectiva do autor (1998, p. 39-40), o próprio mercado depende das relações sociais entre os agentes para o seu desenvolvimento ulterior.

Kräuter e Bitter (2015, p. 55-58) resumem diversas perspectivas sobre o conceito de embebedimento e seus possíveis desdobramentos. Nessa revisão transparece a impossibilidade de existir um embebedimento dos indivíduos sem que lhes antecedam uma relação social. Essa relação social pode ser baseada na confiança ou na estrutura social. O primeiro caso refere-se às relações pessoais individualmente estabelecidas pelos próprios agentes. No segundo caso, considera-se a estrutura social em que eles estão inseridos contextualmente. Porém, ambos os casos compartilham a necessidade de uma relação de confiança prévia para serem formados, tal que o embebedimento tem na confiança uma característica que lhe é inerente.

Diferente desses autores acima, Davis (2008) não dará ênfase às relações de confiança. Considera que a estrutura na qual o indivíduo socialmente embebido opera é a estrutura de agência, em que os indivíduos possuem o poder de agir sobre seu ambiente/estrutura social e o(a) ambiente/estrutura social influencia os indivíduos (DAVIS, 2003). Segundo o autor (2008, p. 98-99), o indivíduo insere-se em relações sociais por meio da formação de identidades.

Davis (2009, p. 79) descreve as identidades como um complexo que é caracterizado por aspectos pessoais e individuais, que juntos formam as identidades sociais. A identidade pessoal refere-se à primeira pessoa do singular (EU), levando em consideração os aspectos particulares de cada indivíduo, de um ponto de vista único e com origem determinada, oriundos da reflexão pessoal e é construída pelos próprios indivíduos (DAVIS, 2009). A identidade individual, por outro lado, refere-se à terceira pessoa do singular (ELE). A identidade individual é construída socialmente por diferentes membros de grupos, e a identidade pessoal faz parte da individual (DAVIS, 2009, p. 79). A identidade pessoal dos indivíduos, ao contrário das identidades individuais que são determinadas socialmente por outros, é determinada individualmente, embora sob a influência das concepções sociais de suas próprias identidades individuais.

A identidade pessoal (EU) e a identidade individual (ELE) formam a identidade social (NÓS), que é entendida geralmente como sendo uma questão de indivíduos se identificarem com os outros membros do grupo (DAVIS, 2009, p. 80).<sup>5</sup> O conceito de identidade social é compatível com a ideia de Aristóteles de que o indivíduo possuindo um conjunto único de características associadas com “ser” alguma coisa, tal que a identidade social é entendida como algo que o indivíduo possui como característica (DAVIS, 2010, p. 19). Essa ideia de identificação mantém a individualidade, mas permite também que essa independência seja influenciada pela identificação social, ou seja, permite ao indivíduo se identificar com os outros e ainda permanecer um indivíduo distinto dos demais.

Davis (2009, p. 90) explica que as identidades sociais dos indivíduos podem entrar em conflito com as suas identidades pessoais e individuais. Para o autor, a chave para entender esses conflitos pode ser encontrada na abordagem da psicologia social sobre a identidade social, conhecida como teoria da identidade social, como no estudo de Henri Tajfel [1972] e John Turner [1985]. Para esses autores, os indivíduos têm autoimagens que refletem as categorias sociais geradas no discurso social. Os indivíduos em seguida alteram seu comportamento em

---

<sup>5</sup> Davis (2010) resgata três tentativas de abordar a identidade social, porém sem exatamente utilizar o termo “identidade”: o Teorema da impossibilidade de Arrow, o Teorema do observador imparcial de Harsanyi da ética social e o indivíduo representativo de Lucas na análise macroeconômica. Por outro lado, para o autor, o modelo neoclássico de Akerlof e Kranton, a abordagem do *commitment* de Sen e a análise de complexidade de Kirman *et al.* são abordagens contemporâneas que consideram as identidades sociais de diferentes formas.



relação a outros indivíduos conforme as características que os indivíduos do grupo social no qual o indivíduo se identifica possuem.

Assim, independentemente da forma de caracterizar o estabelecimento das relações sociais e as identidades, entende-se que a proposta da Socioeconomia inicia sua análise na substituição do *homo economicus* pelo *homo socio-economicus*, o agente socialmente embebido (DAVIS, 2008, p. 94). Tal personagem estará influenciado pelos distintos contextos em que está embebido por meio de diferentes relações sociais. Logo, o indivíduo está envolto em várias identidades que guiam seu comportamento, mas sem perder o seu poder deliberativo sobre elas.

Portanto, na abordagem da Socioeconomia, destacam-se esses dois conceitos chaves distintos, mas interdependentes, “Indivíduo Socialmente Embebido” e “Identidades”. O primeiro referindo-se à consideração normativa do indivíduo em análise, destacando as relações sociais nas quais ele está inserido que influenciarão sua tomada de decisão. O segundo trata do agrupamento desses indivíduos de acordo com as características sociais com que se identificam ou são identificados por terceiros, e a formação das identidades daí decorrentes que influenciarão seu comportamento.

Nessa perspectiva, Davis (2008, p. 100-101) sugere um avanço com a definição do conceito de identidade pessoal, a capacidade individual do agente administrar ativamente as diferentes identidades sociais nas quais está inserido. Isso será importante para se fugir aos extremos, como discutido em Granovetter (1985), em considerar a predominância do agente ou da estrutura em que ele está inserido no entendimento da sua tomada de decisão, evitando a dicotomia individualismo ou holismo metodológico, propondo a análise agente-estrutura.

Tanto Callon (1994) quanto Hodgson (2008) concordam quanto à ausência do mercado concreto na análise econômica, enquanto um local temporal e geograficamente situado.

Callon (1994, p. 42-45) aponta para a ênfase dada ao mercado como processo abstrato na teoria econômica. Tal perspectiva, ao destacar apenas o aspecto competitivo/concorrencial, ignora a influência da cooperação entre os agentes que ali operam. Porém, é necessário enfatizar que os agentes, ao serem calculistas – possuindo intrinsecamente um mecanismo de análise de custo e benefício –, também buscam adaptar o ambiente em seu proveito, e valem-se tanto da cooperação quanto do conflito para isso. Isso é relevante no entendimento do

mercado quando se admite que é a ação dos indivíduos é que o molda, promovendo um processo que, ao mesmo tempo, tanto depende quanto perpetua as relações sociais.

Outro aspecto relevante colocado por Callon (1994, p. 46-47) é a percepção de que as leis de mercado não possuem natureza humana ou social. Ainda mais, também não podem ser admitidas como construções dos cientistas sociais para a promoção de estruturas simplificadas de análise. Então, para o autor, essas leis de mercado aparecem como regularidades que condicionam o comportamento dos agentes.

These regularities, related to the stabilization of particular forms of organization of market relations, remain limited in time and space. It is therefore wrong to talk of laws or, worse still, of the law of the market. There exist only temporary, changing laws associated with specific markets (CALLON, 1994, p. 47).

Já Hodgson (2008) tem sua preocupação voltada ao estabelecimento dos mercados como fenômenos históricos específicos – indo na contramão do entendimento da EN de analisá-los como a-históricos e atemporais de interações entre demandantes e ofertantes. Para o autor (2008, p. 263), a Socioeconomia toma o conceito de mercado nesse mesmo sentido, mas pautando-se em uma definição ainda mais restrita, como um lugar concreto organizado para a recorrência das trocas, legitimando as transações que ocorrem em seu escopo. Nesse sentido, os mercados diferem de acordo com o tempo e a localização, confirmando-se a perspectiva buscada pelo autor de apontá-los como fenômenos históricos específicos (HODGSON, 2008, p. 251).

Contudo, o texto de Hodgson (2008) permite mais que a sua visão específica acerca do que constitui um mercado, ele também motiva um questionamento sobre a possibilidade de aderência entre a Socioeconomia e a Economia Austríaca. Isso porque apresenta uma definição específica de mercado para a primeira abordagem, que é condizente com a sua própria, assim como cita diretamente a EA e seus dois grandes representantes no século XX, Mises e Hayek.<sup>6</sup>

---

6 Hodgson (2008, p. 258) contextualiza o início da interpretação equivocada sobre mercado na economia pela definição de Robbins [1932] como “ciência da escolha”. Essa também possa ser considerada uma referência direta ao pensamento Austríaco, pela aproximação de Robbins com essa abordagem. Justifica-se excluir a análise da referência a Robbins por ele também ser tomado como um autor da EN, que se quer diferenciar com relação à tradição Austríaca neste trabalho (KIRZNER, 1997, p. 14-15; KIRZNER, 2015b [1986], p. 34; KIRZNER, 2015e [1995], p. 52).

### 3. Escola Austríaca de Economia e a abordagem kirzneriana

Se a busca da Socioeconomia por diferenciar-se da EN é um fenômeno recente, a separação entre a EA e a EN foi deliberada em razão de seu início compartilhado em 1871.<sup>7</sup> As diferenças entre EA e EN só foram enfatizadas na década de 1930 (CALDWELL, 2004, p. 127). Disseminadas quando da discussão em língua inglesa sobre a possibilidade do cálculo econômico no sistema socialista (BARBIERI, 2013).

Os Austríacos de maior renome no século XX, Mises e Hayek, ganham destaque no cenário acadêmico a partir do episódio conhecido como “debate do cálculo econômico sob o socialismo”. Segundo Barbieri (2013), o debate inicia com um pequeno ensaio de Mises em 1920 sobre a impossibilidade da realização do cálculo econômico no socialismo. Na década de 1930, o debate é retomado por Hayek, mudando-se também os defensores do socialismo. Verifica-se a partir daí uma mudança na base de argumentação dos socialistas, já que Barbieri (2013) afirma que eles passam a mudar a discussão da forma organizacional para a busca de uma instrumentalização alternativa para o cálculo econômico na falta de um sistema de preços.<sup>8</sup> A busca por tal mecanismo será pautada na EN, principalmente por meio do equilíbrio geral, procurando preencher o vetor de preços que promoveria a maior eficiência.

Logo, com o embasamento teórico e metodológico da EN permitindo as condições teóricas para a possibilidade do socialismo, Mises e Hayek perceberam as diferenças fundamentais da EA com relação a essa abordagem (CALDWELL, 2004; BARBIERI, 2013). A partir daí Mises e Hayek lançam suas principais obras, que possuem uma retórica de apresentação embasada na contraposição a ideias da EN.<sup>9</sup>

Mises publica sua principal obra em língua inglesa, o “*Human Action*”, em 1949, defendendo a economia como uma ciência do estudo da ação humana propositada. Nessa obra, defende-se que todos os fenômenos econômicos devem

---

7 Com a publicação dos livros “Princípios de Economia” de Carl Menger, considerado fundador da EA, e “A Teoria da Economia Política” de William Stanley Jevons, considerado um dos fundadores da EN.

8 De acordo com Barbieri (2013, p. 136), isso acaba por representar um reconhecimento implícito da validade da crítica de Mises [1920] pelos defensores do socialismo. Porque, nessa segunda parte do debate, a busca de uma forma de substituir o sistema de preços carrega consigo o reconhecimento da sua importância.

9 Enfatiza-se que essa retórica contrasta as ideias da EN, mas não necessariamente a menciona. Isso porque Mises (1998[1949]) faz poucas referências diretas a essa abordagem, conquanto critique a base teórica que lhe dá sustentação, enquanto Hayek (1948) explicita-a em diversas passagens ao citar autores da EN que lhe foram contemporâneos.

ser analisados em uma perspectiva subjetiva, considerando o papel deliberado do indivíduo no estabelecimento da estrutura de fins e meios que guia a suas decisões (MISES, 1998[1949]).

Já o livro “*Individualism and Economic Order*” de Hayek publicado em 1948 é uma coletânea de artigos que tratam do problema da coordenação econômica. Defendendo a impossibilidade de concentrar todo o conhecimento disponível na economia, aponta como forma mais eficiente de coordenação econômica o processo de mercado competitivo que dissemina o conhecimento.<sup>10</sup> Importantes para esse trabalho são as considerações de Hayek (1948) sobre o individualismo, competição, conhecimento e equilíbrio de mercado.

Conquanto a originalidade dessas ideias, elas pouco afetaram as discussões teóricas altamente influenciadas pela EN. O período entre 1940 e 1950 é marcado pelo afastamento de Mises e Hayek dessa corrente, por suas diferenças com a EN (KIRZNER, 1997, p. 19), coincidindo, segundo Vaughn (1994, p. 92-93), com o período de menor relevância da EA para o ambiente acadêmico. Para Earp (2000, p. 138), nesse período houve ampla disseminação e consolidação das ideias de Keynes durante a discussão econômica no pós-guerra.

Assim, foi justamente nessa época de maior “crise” na história da EA, acentuada pelo falecimento de Mises em 1973 (VAUGHN, 2000, p. 40), que tal corrente passa por um ressurgimento. Isso se dá na conferência de South Royalton, marcando a retomada de interesse nas teorias da EA. Para Vaughn (1994) e Barbieri (2001), nesse encontro destacaram-se os três grandes nomes que promoveriam a retomada da EA: Israel Kirzner, Ludwig Lachmann e Murray Rothbard. Barbieri (2001, p. 11) é um dos autores que denomina a EA a partir da contribuição desses autores como “Escola Austríaca Moderna”.<sup>11</sup>

Introduzidas as principais contribuições da EA, de Mises, Hayek e do surgimento da EA Moderna, a próxima seção trata especificamente da posição de Kirzner.

### 3.1. Abordagem kirzneriana

---

10 De acordo com Hodgson (2008, p. 262) esse é o mérito de Hayek e seus seguidores da EA.

11 O termo é utilizado pelo próprio Kirzner, mas em um sentido muito diferente, para designar a distinção entre os subjetivismos estático e dinâmico que predominaram, respectivamente, antes e depois de Mises e Hayek na EA (KIRZNER, 2015b[1986]), chegando inclusive a utilizá-lo como subtítulo de um de seus livros: “*The meaning of the market process: Essays in the development of modern Austrian economics*” (KIRZNER, 1992).

Apesar do destaque que é dado ao seu papel no episódio do “*Austrian revival*”, Kirzner sempre enfatizou a origem das suas ideias nas obras de Mises e Hayek, como recordam Boettke e Sautet (2013, p. x) na introdução do principal livro do autor: “[...] *Kirzner himself did not claim to provide anything new, but simply to elaborate on the work of Ludwig von Mises and Friedrich Hayek*”. Porém, Kirzner fez muito mais que elaborar ideias que lhe são anteriores, ele desenvolveu todo um corpo teórico para a atividade empresarial. Essa teoria permite, de acordo com Boettke e Sautet (2013, p. xi), tanto uma reconstrução da teoria de mercado como, segundo Boettke e Rizzo (1994, p. xiv), relacionar a atividade empresarial ao processo de mercado, aos arranjos institucionais e à análise da justiça distributiva.

A principal contribuição do autor refere-se à Atividade Empresarial.<sup>12</sup> Kirzner (2013 [1973]) enfatiza a separação analítica que faz do processo decisório, separando-o entre o “*alertness*” dos agentes, responsável pela percepção de novas oportunidades de ganho puro, e o processo deliberado de escolha. Assim, distingue sua teoria com relação à neoclássica apontando que o agente misesiano, o *homo agens*, possui uma capacidade superior ao da teoria tradicional dos preços, o agente robbinsiano. Suas características são distintas porque o segundo só concebe o cálculo maximizador no processo decisório, incapaz de tomar conhecimento de novas informações espontaneamente, enquanto o primeiro realiza isso por meio do “*alertness*”. Tal diferenciação é relevante porque, se os mercados estão em desequilíbrio, ocorrem mudanças de informação durante o processo de ajuste, e essas só poderão ser utilizadas se assimiladas, o que torna urgente ao indivíduo um mecanismo de recepção de novo conhecimento.

Essas questões são fundamentais no ambiente descrito pela EN. Porém, o autor mostra que elas ganham ainda mais importância quando se abandonam as hipóteses irrealistas utilizadas nos modelos de competição e se considera o que ocorre no mundo real. Questões como a passagem do tempo e a incerteza alteram completamente o entendimento do mercado, acentuando seu estado de permanente desequilíbrio, bem como afastam a possibilidade de um equilíbrio tal como o da EN.

A conjugação das ideias de Mises e Hayek em Kirzner decorre da utilização conjunta da ação humana propositada, do *homo agens*, com o processo de

---

12 Ou o “empreendedorismo”, outra tradução possível para o termo “*entrepreneurship*” utilizado por Kirzner.

mercado, enquanto difusor de informações, além de outras questões subjacentes como tempo e incerteza presente em ambos. “[...] *In pursuing their ends, individuals make use of signals of market, such as money prices and profit and losses, which serve as guideposts to decision-making helping transform subjective phenomena of the mind in the objective signals*” (BOETTKE; SAUTET, 2015, p. xi).

A abordagem utilizada por Kirzner foi considerada próxima, ou em uma tentativa de aproximação, à EN (VAUGHN, 1992, p. 260; 1994, p. 05). Isso parece decorrer da comparação entre sua proposta e a EN, já que enfatiza aquilo que falta ao agente robbinsiano, um elemento anterior que lhe permita captar as oportunidades dispersas no sistema econômico. Porém, no tratamento do subjetivismo, como será visto, revelam-se suas diferenças com relação à EN. Assim, sua abordagem parece uma tentativa de mostrar como o elemento empresarial que quer introduzir ainda é necessário ao arcabouço neoclássico, mesmo sob as hipóteses deste último. Outra questão é que Kirzner reconhece méritos na teoria provida pela EN para algumas questões específicas. O problema, segundo o autor, é quando esses modelos abstratos de análise são utilizados para fomentar as políticas econômicas dos governos. Ao assumir um estado ideal de coisas, a partir das suposições irrealistas, os formuladores de política econômica são induzidos ao erro (KIRZNER, 1997, p. 29; 2013 [1973], p. 186-187)

Grande parte da contribuição e entendimento do sistema econômico de Kirzner, incluindo aí seu contrastaste com a EN, derivam do subjetivismo que caracteriza a sua metodologia, e que para ele molda a Economia Austríaca Moderna (KIRZNER, 2015b [1986]; 2015e [1995]).

### **3.2. Individualismo e subjetivismo na metodologia da abordagem kirzneriana**

Os organizadores do “*The Collected Works of Israel Kirzner*”, Boettke e Sautet, afirmam, na introdução do quinto volume (2015, p. x), que a metodologia adotada por Kirzner consiste na adoção conjunta do individualismo com o subjetivismo. Ainda mais, afirmam (2014, p. ix) pela impossibilidade no entendimento da teoria da atividade empresarial de Kirzner sem a compreensão da análise subjetivista que lhe acompanha.

O individualismo foi um tema discutido por Hayek (1948), em que a adesão ao individualismo implica o reconhecimento da atividade individual como objeto

inicial de análise. Essa também será a proposição de Kirzner, e por meio dela tem-se um primeiro indício de alinhamento com a EN. Em seu artigo de 1967, Kirzner apontará (2015c[1967], p. 178) o individualismo metodológico como campo comum à EA e à EN. Mostra que ambas as abordagens iniciam sua análise na decisão individual, que esta é considerada governada pela lógica do próprio indivíduo levando em consideração o que quer e o que pode fazer, e que a partir das decisões individuais resultará uma interação entre os agentes. Porém, essas correntes divergirão em razão da natureza da decisão (KIRZNER, 2015c[1967], p. 179).

Tal diferença na natureza da decisão fica clara quando se contrastam a divisão analítica entre “*alertness*” e “*maximização*”, que diferencia o *homo agens* do maximizador robbinsiano. Assim, o individualismo utilizado por Kirzner atende às suas perspectivas da mesma forma como atendem as de Mises e Hayek. Ou seja, o individualismo é usado no sentido de que os fenômenos econômicos devem ter sua análise iniciada a partir da ação humana, individual e propositada.

Outro ponto de influência relevante sobre a obra de Kirzner é o posicionamento de Hayek quanto ao subjetivismo. Hayek (1955, p. 31) afirmou que os grandes avanços na economia decorrem de análises cada vez mais subjetivas dos fenômenos econômicos. Conquanto essa visão seja compartilhada por Kirzner, que cita o trecho original de Hayek em diversas passagens (KIRZNER, 2015a [1990]; 2015b [1986]; 2015d [1992]), ele não segue a ampliação indefinida do subjetivismo que deságua na versão radical, como apontado por Barbieri (2001). Então é necessário um esclarecimento quanto ao nível de subjetivismo adotado por Kirzner.

O subjetivismo foi discutido por Kirzner em diversos textos (KIRZNER, 2015a[1990]; 2015b[1986]; 2015c[1967]; 2015d[1992]; 2015e[1995]). Por uma limitação de espaço no artigo, propõe-se um resumo da visão do autor nesses trabalhos. Kirzner vê Menger como o precursor da EA, tendo como um dos méritos o reconhecimento do caráter subjetivo da economia. Esse subjetivismo influenciou as demais gerações de austríacos, tal como Mises e Hayek, e por meio de Robbins insere-se o subjetivismo na EN. Porém, a partir da década de 1950, os economistas dessa época passam a ser passíveis de divisão em dois grupos, os que aderiram e se mantiveram no subjetivismo de Menger, e os que aderiram e avançaram para um maior nível de subjetivismo. Kirzner identifica o subjetivismo do primeiro grupo como “estático”, que considera a subjetividade apenas nas preferências dos

agentes, tal como em Menger, Robbins e na EN, definindo somente os fins almejados. Já o aumento no nível do subjetivismo, perpetrado por Mises e Hayek, promoveu a versão denominada “dinâmico”. Esse outro subjetivismo refere-se à interpretação dos fenômenos econômicos, influenciando não só as preferências, enquanto fins a serem perseguidos, mas também o processo de escolha dos meios a serem utilizados.

Porém, conquanto o subjetivismo seja suficiente para afastar a proximidade entre Kirzner e a EN, pela não aceitação do autor de uma estrutura dada entre fins-e-meios (já que o subjetivismo dinâmico implica o próprio caráter subjetivo de como essa estrutura é formada), ainda é preciso limitar o alcance desse subjetivismo. O limite é encontrado quando a realidade subjacente é considerada também subjetiva, como se vê na divergência entre Kirzner e Lachmann (BARBIERI, 2001, p. 121). Enquanto o primeiro autor reconhece os fatos objetivos no entorno dos indivíduos, o segundo os caracterizará como imagens subjetivas criadas pelas percepções dos agentes. Assim, Kirzner encontra-se em posição intermediária entre o subjetivismo (estático) da EN e o radical de Lachmann, como o próprio autor admite (KIRZNER, 2015d [1992]). Desse modo, o autor avança com relação à versão estática do subjetivismo para o dinâmico, mas não assume o radicalismo defendido por Lachmann.

Portanto, a abordagem kirzneriana propõe-se a analisar os fenômenos econômicos partindo da investigação das ações individuais, mantendo o individualismo metodológico. Também propõe considerar o caráter subjetivo do processo decisório, durante o estabelecimento da estrutura individual de fins-e-meios, reconhecendo a realidade concreta que cerca o indivíduo na decisão.

#### **4. Socioeconomia, EA e abordagem kirzneriana**

Antes de responder à pergunta que dá nome ao trabalho, primeiro serão contrastadas as duas posições, as de Hodgson (2008) com a abordagem kirzneriana, que motivaram a indagação pela aparente incompatibilidade que surge daí entre a Socioeconomia e a EA.

A primeira colocação de Hodgson (2008, p. 255) refere-se à associação feita por Mises entre propriedade e civilização, que Hodgson acredita ser errônea por ignorar o arcabouço que legitima a propriedade. A crítica parece inócua, já que a afirmação de Mises sobre a relação entre propriedade e civilização independe do tipo de propriedade a ser tratada. Mises não faz distinção entre a propriedade



enquanto posse individual e propriedade enquanto legítima por um arcabouço prévio que lhe confira reconhecimento. O julgamento de Hodgson peca por se valer de Mises, que tem um entendimento do mercado enquanto relações de trocas, para promover seu entendimento do mercado como fenômeno histórico, como se o conceito de propriedade fosse idêntico nas duas interpretações. É óbvio que a propriedade privada e a sua legitimação serão fundamentais para Mises, como fica evidente no debate do cálculo, mas isso não quer dizer que em estágios mais primitivos da sociedade, a propriedade, enquanto posse individual, não fosse suficiente para gerar o progresso. Logo, Hodgson parece misturar a discussão de propriedade com a de garantia de propriedade, que não é relevante para a afirmação de Mises de que a civilização progride com a propriedade privada, independentemente da forma de reconhecimento (sistema legal, familiar, confiança etc.).

A segunda observação de Hodgson (2008, p. 262) aponta para uma falha de Hayek em ignorar a existência de mercados distintos. Essa crítica surge na observação de que economistas e sociólogos têm dado atenção aos diferentes tipos de mercado que emergem em diferentes sociedades/culturas, pelas suas especificidades de funcionamento. Essa crítica também parece gratuita, já que o texto de Hayek referenciado por Hodgson, o “*Individualism and Economic Order*” (1948), faz discussões teóricas sobre o papel do sistema de preços na coordenação de planos, não sobre um arcabouço de regras específicas, assim como enfatiza o caráter essencialmente subjetivo da informação. Poderia ser objetado que Hayek promove uma defesa da maior liberdade dos indivíduos em sua atuação no mercado, e que isso se enquadraria como regra defendida. Porém, se fosse defendido o extremo oposto, a ausência total de liberdade, isso descaracterizaria a própria existência da atividade de mercado, como também se vê no debate do cálculo, tal que essa resposta não é válida. Então, novamente, Hodgson está discutindo uma abordagem que trata do mercado de forma abstrata como sistema de trocas voluntárias para criticá-la à luz da proposta que o considera um fenômeno específico histórico.

Portanto, apesar das posições assumidas por Hodgson (2008) quanto à EA, a utilização dos pontos que demarcariam as diferenças entre as duas abordagens ignora a distinção entre os arcabouços teóricos em que elas estão inseridas. Também ignora as diversas referências de Mises e Hayek, implícitas ou explícitas,

sobre a consideração do mercado como um lugar de interação social, que move a sociedade por meio do conflito e cooperação.

A separação promovida por Hodgson (2008) remete ao *Methodenstreit*, a “batalha dos métodos”, episódio ocorrido durante o fim do século XIX e o início do XX entre Menger e os membros da Escola Histórica Alemã. De acordo com Caldwell (2004, p. 64), essa disputa girou sobre a possibilidade, defendida por Menger, de haver um arcabouço teórico prévio às análises históricas, que Gustav von Schmoller e seus seguidores contrariavam, apontando para a emergência de leis econômicas a partir dos acontecimentos históricos. O que não foi percebido pelos opositores de Menger é que a própria interpretação histórica depende de uma estrutura de análise prévia, uma teoria econômica. Da mesma forma, pode-se considerar um mercado atual, localizado temporal e geograficamente, como o resultado histórico de fatores que lhe foram anteriores. Mas isso não mudará o fato de que foi constituído, e manteve-se, pela ação propositada dos indivíduos, coordenando-se por meio do seu sistema de preços, conquanto outros fatores históricos e sociais complementem o seu entendimento.

A Socioeconomia pode ser vista na proposição misesiana de desenvolvimento da civilização na identificação dos caminhos pelos quais a sociedade garante a propriedade antes do surgimento de um explícito aparato legal. Ela também pode ser utilizada na proposição hayekiana de emergência de resultados não intencionais da ação humana, pela interação entre os indivíduos na sociedade. Assim, não são discussões pontuais com relação à definição de mercado que permitem separar as abordagens Austríaca e Socioeconômica, e resta investigar o que mais pode aproximar ou separar essas duas correntes.

#### **4.1 Há aderência entre a Socioeconomia e a abordagem kirzneriana?**

Propõe-se que essa questão seja respondida sob três óticas distintas: (i) identificando-se os pontos em comum entre as duas teorias; (ii) analisando se as proposições teóricas de Kirzner cabem no arcabouço da Socioeconomia; e (iii) investigando se a Socioeconomia pode ser incluída na abordagem kirzneriana.

##### **4.1.1 Ideias comuns entre a Socioeconomia e a abordagem kirzneriana**

Ambas as abordagens possuem críticas ao indivíduo atomizado da EN, apontando para o aspecto negativo da exclusão de aspectos sociais e dos mecanismos que permitem o acesso à descoberta de novas informações.

Essas críticas resultam na necessidade de substituir o personagem principal da teoria econômica com relação à EN. Sai o agente atomizado da EN, entra o indivíduo socialmente embebido na Socioeconomia, e o *homo agens* com escolhas subjetivas em Kirzner. Essas alterações mostram uma preocupação das duas abordagens com um melhor entendimento da escolha individual.

Há um descontentamento comum com relação ao subjetivismo adotado na EN, ao considerar apenas os fins individuais como subjetivos. Embora isso permita preferências individuais heterogêneas entre os agentes, acabam, invariavelmente, sendo atribuídas às características exógenas entre eles. A Socioeconomia destaca que essas preferências têm origem, formadas de acordo com o embebedimento dos indivíduos a partir das identidades em que eles estão inseridos. Na abordagem kirzneriana, a posição da EN é criticada pela precedência da estrutura de fins-e-meios na escolha, que, além de considerar os fins como inalteráveis, ignora a subjetividade na escolha dos meios adotados entre os diferentes fins.

Também há uma preocupação comum a essas abordagens quanto ao papel institucional. Na Socioeconomia as instituições influenciarão o embebedimento dos indivíduos, enquanto em Kirzner elas irão alterar a capacidade de descoberta do “*alertness*”. Essas diferenças valem tanto para instituições formais quanto para os hábitos culturais das sociedades em que esses indivíduos estão inseridos/embebidos.

Por fim, mesmo objetando-se ao individualismo metodológico, a Socioeconomia reconhece que o indivíduo tem capacidade de deliberar e fazer suas próprias escolhas. Mesmo assim, a identidade social dos indivíduos é uma influência significativa para o comportamento humano. O indivíduo segue regras e comportamentos do grupo com o qual se identifica, sem relação com seus próprios objetivos. Isso significa que seu cálculo subjetivo, à luz do seu conhecimento e realidade subjacente, tornou a escolha efetiva preferida com relação à opção preterida. Isso é o que Kirzner e a EA julgam necessário para o entendimento das ações individuais, que, independentemente dos motivos pessoais que levaram àquela escolha, a compreensão necessária é que ela é realizada sob condições específicas. Tais condições não se repetem, porque são localizadas temporalmente, geograficamente e pessoalmente, sob um conhecimento acessível apenas ao indivíduo. Qualquer julgamento de que a escolha não foi a melhor é necessariamente arbitrária, com relação à posição diferenciada daquele que julga em termos das condições específicas em que a decisão efetivamente se deu.

#### 4.1.2 Israel Kirzner sob a ótica da Socioeconomia

A discussão necessária para essa questão compreende uma discussão metodológica que foge ao escopo do trabalho. Isso porque parece surgir uma ambiguidade na possibilidade conciliação entre duas propostas metodológicas distintas, qual seja, se o individualismo é passível de ser compreendido em uma abordagem que surge e se propõe contrária a ele.

Isso porque a Socioeconomia se propõe como alternativa à EN na substituição do agente atomizado pelo socialmente embebido, afirmando que o individualismo metodológico é incapaz de explicar os comportamentos observados historicamente. Nessa substituição, propõe uma abordagem que o considere conjuntamente o contexto social em que está inserido, enfatizando não o indivíduo ou a sociedade, mas sua relação na análise agente-estrutura.

Assim, a imprecisão decorre de se poder considerar que a análise agente-estrutura é mais geral que uma análise individualista, ou se há necessária alternância entre elas. Logo, tal problema coloca em questão se essas metodologias são substitutas ou complementares, dúvida que este artigo não tem a possibilidade e nem a pretensão de responder.

#### 4.1.3 A Socioeconomia sob a abordagem kirzneriana

Uma possível saída para a problemática acima não pode ser dada pela discussão que se segue sobre a possibilidade do arcabouço da Socioeconomia ser passível de ser compreendido em uma abordagem kirzneriana. Isso porque se está entendendo que a Socioeconomia enfatiza como objeto de análise a relação entre agente e estrutura, enquanto na abordagem kirzneriana o objeto é a decisão individual subjetiva. Então, embora não se possa afirmar que tal aspecto subjetivo da decisão possa ser incluído em uma análise da relação agente-estrutura, propõe-se que o inverso é verdadeiro, de modo que a abordagem kirzneriana é capaz de incluir a análise socioeconômica.

A proposta teórica de Kirzner, ao constituir-se de um subjetivismo moderado (dinâmico), meio termo entre o da EN e o radical, propõe-se a discutir a estrutura de fins-e-meios considerada como dada na EN. O objetivo dessa discussão é mostrar que quando é aceita a incerteza no sistema econômico, os indivíduos têm possibilidades infinitas conforme vão tomando consciência/conhecimento de sua existência. Disso resulta que a estrutura entre

fins-e-meios não pode ser imutável, e que há subjetividade não só nos fins escolhidos, mas também nos meios. Porém, como destacado na diferenciação de Kirzner e Lachmann, os indivíduos não se encontram em um vácuo social, eles são cercados por realidades concretas que influenciam a suas decisões. Nesse sentido, a Socioeconomia pode ser tomada como abordagem explicativa do embebedimento dos agentes em análise, como Kirzner faz para o caso do ambiente da incerteza, permitindo um maior entendimento não só das preferências quanto aos fins, mas das preferências quanto aos meios.<sup>13</sup> Ainda mais, além de explicar fins e meios, permite-se um melhor entendimento quanto às relações existentes entre os pares relacionados indivíduo-sociedade e fins-e-meios.

Então, se o foco teórico é colocado sobre a decisão individual, é possível internalizar em seu entendimento a relação entre agente e estrutura que influenciará o processo de escolha. No caso mais amplo, o empresário kirzneriano está embebido em um mundo de recursos escassos, fins alternativos, estruturas hierárquicas subjetivas de fins-e-meios. Conforme se passa do caso mais amplo para os casos mais específicos, a Socioeconomia permite entender, dentro da abordagem kirzneriana, a função ou relacionamento do “*alertness*” com a posição social em que o indivíduo está inserido. Tal processo decorre do mesmo motivo pelo qual Kirzner considera a influência exercida pelas instituições sobre o “*alertness*” individual.

Por fim, essas considerações ficam patentes quando se consideram as proposições de Davis (2008, p. 100-101) com a ideia de identidade pessoal, ou de Granovetter (1985, p. 482-483) com a proposta de ignorar os extremos de não socialização ou sobressocialização. Em ambos os casos é defendida a metodologia agente-estrutura na análise do processo decisório. Porém, as duas consideram a deliberação efetiva do agente sobre a escolha, seja na administração de identidades em Davis, ou na conciliação de influências externas e interesses pessoais em Granovetter. Assim, o indivíduo socialmente embebido também está presente na abordagem kirzneriana. Ele é um agente com poder de agência, cujas opções são subjetivamente hierarquizadas, de acordo com as preferências quanto a fins e meios, em que está presente a influência das realidades subjacentes em que toma a decisão.

---

13 O termo “*embedd*” é utilizado por Kirzner (2015d [1992], p. 68; 1979, p. 152 *apud* BARBIERI, 2001, p. 104) para designar que o indivíduo está embebido em um contexto de reconhecida incerteza.

## 5. Conclusão

Este trabalho procurou investigar na História do Pensamento Econômico, especificamente nos textos de proposição das abordagens Socioeconômica e kirzneriana da teoria econômica, se haveria aderência entre essas propostas. Tal investigação foi baseada na perspectiva de que elas se contrapõem à Escola Neoclássica quanto ao processo decisório, distanciam-se metodologicamente, bem como na aparente contraposição entre a Socioeconomia e Escola Austríaca acerca do conceito de mercado.

Analisando as propostas relativamente recentes da Socioeconomia, destacou-se a figura do indivíduo socialmente embebido, a formação de identidades e a conceituação de mercado. Para a EA, considerou-se seu surgimento e desenvolvimento dentro do mesmo corpo teórico que originou EN, bem como sua ruptura, motivada por um entendimento diferente quanto a noção de indivíduo, processo de mercado, conhecimento e equilíbrio. Nesse contexto, utilizou-se desse entendimento diferenciado para apresentar a especificidade da abordagem kirzneriana como um ramo delimitado dentro da própria EA, principalmente por seu grau de subjetivismo superior ao dos precursores da escola, mas inferior ao ramo radical proposto por Lachmann.

Propôs-se três formas de averiguar a aderência entre a Socioeconomia e a abordagem kirzneriana: por semelhanças entre as propostas, pela possibilidade de Kirzner ser incluído na Socioeconomia e pela possibilidade de a Socioeconomia ser inserida na abordagem kirzneriana.

Por pontos em comum verificou-se que compartilham: críticas ao indivíduo atomizado da EN; busca por modelar um indivíduo próprio para a análise econômica; insatisfação com o subjetivismo adotado na EN; preocupação quanto à influência institucional sobre o comportamento individual; decisões individuais guiadas por interesses pessoais, mesmo que esses últimos sejam condicionados pelas relações sociais que cercam os agentes.

Para a possibilidade de Israel Kirzner ser incluído na Socioeconomia, apontou-se que ela depende de uma discussão metodológica que foge ao escopo do trabalho, na ambiguidade existente na possibilidade do individualismo metodológico, utilizado por Kirzner, ser substituto ou complementar ao método de análise agente-estrutura proposto na Socioeconomia.

Verificou-se que é possível à abordagem kirzneriana incluir a Socioeconomia, permitindo um entendimento contextual da preferência individual

por fins e meios, bem como das relações subjetivamente estabelecidas entre eles pelo agente. Também se constatou que o empresário kirzneriano está embebido em algum contexto, na incerteza afirmada pelo autor, nas realidades subjacentes mais gerais ou ainda nas instituições mais específicas, que moldarão seu “*alertness*”. Por fim, reconhece que, embora haja influências gerais sobre o processo decisório, a escolha final cabe à deliberação individual, por mais influenciada que ela seja.

## Referências

ANGELI, Eduardo. Caminhos da Escola Austríaca: Relação com Ortodoxia, Engajamento e Produção de Novo Conhecimento. *Nova Economia*, v. 18, p. 681-704, 2018.

\_\_\_\_\_. Hayek e a Nova Sociologia Econômica. *Econômica*, v. 19, n. 2, p. 129-153, 2017.

BARBIERI, Fábio. *História do debate do cálculo econômico socialista*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2013.

\_\_\_\_\_. O Processo de Mercado na Escola Austríaca Moderna. São Paulo: USP – FEA, 2001. 188 p. Dissertação – Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2001.

BOETTKE, Peter J. Rational Choice and Human Agency in Economics and Sociology: Exploring the Weber-Austrian connection. In: GIERSCH, H. (Ed.). *Merits and Limits of Markets*. Berlin: Springer, 1998.

\_\_\_\_\_. What is Wrong with Neoclassical Economics (and What is Still Wrong with Austrian Economics). In: FOLDVARY, F. (Org.). *Beyond Neoclassical Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, 1996.

BOETTKE, Peter J.; RIZZO, Mario J. Preface. In: BOETTKE, P. J.; KIRZNER, I. M.; RIZZO, M. J. *Advances in Austrian economics*. Jai Press, 1994.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship*, v. 4. Indianapolis: Liberty Fund, p. ix-xiii, 2013.

\_\_\_\_\_. Introduction to the Liberty Fund edition. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory*, v. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. ix-xii, 2015.

CALDWELL, Bruce J. *Hayek's Challenge: An Intellectual Biography of F.A. Hayek*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

CALLON, Mark. Introduction: the embeddedness of economic markets in economics. In: CALLON, M. (Org.). *The laws of the markets*. Oxford: Blackwell Publishers, p. 1-57, 1998.

DAVIS, John B. Identity and Individual Economic Agents: A Narrative Approach. *Review of Social Economy*, v. 67, n. 1, p. 71-94, 2009.

\_\_\_\_\_. The concept of the socially embedded individual. In: DOLFSMA, W.; DAVIS, J. (Org.). *The Elgar Companion to Social Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, p. 92-105, 2008.

\_\_\_\_\_. The Homo economicus conception of the individual: an ontological approach. *Social Science Research Network*, p. 1-45, 2010.

\_\_\_\_\_. *The theory of the individual in economics: identity and value*, London: Routledge, 2003.

EARP, Fábio de Sá. A tríplice revolução da geração keynesiana: notas sobre a dinâmica da difusão das idéias econômicas. *Ensaio FEE*, v. 21, n. 2, p. 138-162, 2000.

EKELUND, Robert; THORNTON, Mark. Wieser and the Austrian connection to social economics. *Forum for Social Economics*, v.16, n. 2, p. 1-12, 1986.

GRABNER-KRÄUTER, Sonja; BITTER, Sofie. Trust in online social networks: A multifaceted perspective. *Forum for Social Economics*, v. 44, n. 1, p. 48-68, 2015.

GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

HAYEK, Friedrich A. *Individualism and Economic Order*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948.

HELLMICH, Simon N. What is Socioeconomics? An Overview of Theories, Methods, and Themes in the Field. *Forum for Social Economics*, v. 46, p. 3-25, 2015.

HODGSON, Geoffrey. Markets. In: DOLFSMA, W.; DAVIS, J. (org.). *The Elgar Companion to Social Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, p. 251-266, 2008.

KOPPL, Roger. Austrian economics at the cutting edge. *The Review of Austrian Economics*, v. 19, n. 4, p. 231-241, 2006.



HORWITZ, Steven. Kirznerian Entrepreneurship as a Misesian Solution to a Hayekian Problem. *Journal of Private Enterprise*, v. 25, n. 2, p. 97-103, 2010.

KIRZNER, Israel M. Carl Menger and the Subjectivism Tradition in Economics. [1990]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory*, Vol 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 11-27, 2015a.

\_\_\_\_\_. Comment on R.N. Langlois, 'From the Knowledge of Economics to the Economics of Knowledge: Fritz Machlup on Methodology and on the "Knowledge Society"' [1985]. In BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem*, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 228-231, 2018.

\_\_\_\_\_. Competition and Entrepreneurship. [1973]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship*, Vol 4. Indianapolis: Liberty Fund, 2013.

\_\_\_\_\_. How markets work: Disequilibrium, entrepreneurship and discovery. London: *The Institute of Economic Affairs*, 1997.

\_\_\_\_\_. Ludwig von Mises and Friedrich Hayek: The Modern Extension of Austrian Subjectivism [1986]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory*, Vol 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 28-47, 2015b.

\_\_\_\_\_. Methodological Individualism, Market Equilibrium and the Market Process [1967]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory*, Vol 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 175-189, 2015c.

\_\_\_\_\_. Subjectivism, Freedom and Economic Law [1992]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (Ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory*, Vol 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 61-80, 2015d.

\_\_\_\_\_. *The Meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics*. London: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. The subjectivism of Austrian Economics [1995]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory*, Vol 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 48-60, 2015e.

LANGRILL, Ryan; STORR, Virgil H. Contemporary Austrian Economics and the New Economic Sociology. In: BOETTKE, P. J.; COYNE, C. (Ed.). *The Oxford Handbook of Austrian Economics*. New York: Oxford University Press, 2015.

LEWIS, Paul; CHAMLEE-WRIGHT, Emily. Social embeddedness, social capital and the market process: an introduction to the special issue on Austrian economics, economic sociology and social capital. *The Review of Austrian Economics*, v. 21, p. 107-118, 2008.

LILJENBERG, Anders. The infusion of relational market obligations into the Austrian agenda – some lessons learned from Economic Sociology. *The Review of Austrian Economics*, v. 17, n. 1, p. 115-133, 2004.

MISES, Ludwig von. *Human Action* [1949]. Scholars' Edition. Auburn: Mises Institute. 1998.

ROBINSON, Collin. Foreword. In: KIRZNER, Israel M. *The Meaning of market process*. London: Routledge, p. 03-07, 1992.

VAUGHN, Karen I. *Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. The problem of order in Austrian economics: Kirzner vs. Lachmann. *Review of Political Economy*, v. 4, n. 3, p. 251-274, 1992.

\_\_\_\_\_. The rebirth of Austrian economics: 1974-1999. *Economic Affairs*, v. 20, n. 1, p. 40-43, 2000.